A SEQUÊNCIA DE

CARAVAL

LENDÁRIO

STEPHANIE GARBER

BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

Novo Conceito

LENDÁRIO

LENDÁRIO

STEPHANIE GARBER

Tradução
Ivar Panazzolo Junior

Novo Conceito

© 2017 Stephanie Garber
Tradução publicada sob acordo com Lennart Sane Agency AB.
© 2019 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor ou são usados de forma ficcional. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

1ª Impressão — 2019
Impressão e acabamento Eskenazi 270519

Produção editorial: Equipe Novo Conceito
Preparação de texto: Lígia Alves
Revisão: Carlos Villarruel
Design da capa: Erin Fitzsimmons

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Garber, Stephanie
Lendário / Stephanie Garber ; tradução Ivar Panazzolo Junior. – Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2019.

Título original: Legendary.
ISBN 978-85-8163-906-2 – edição brochura
ISBN 978-85-8163-909-3 – edição capa dura

1. Ficção norte-americana I. Título.

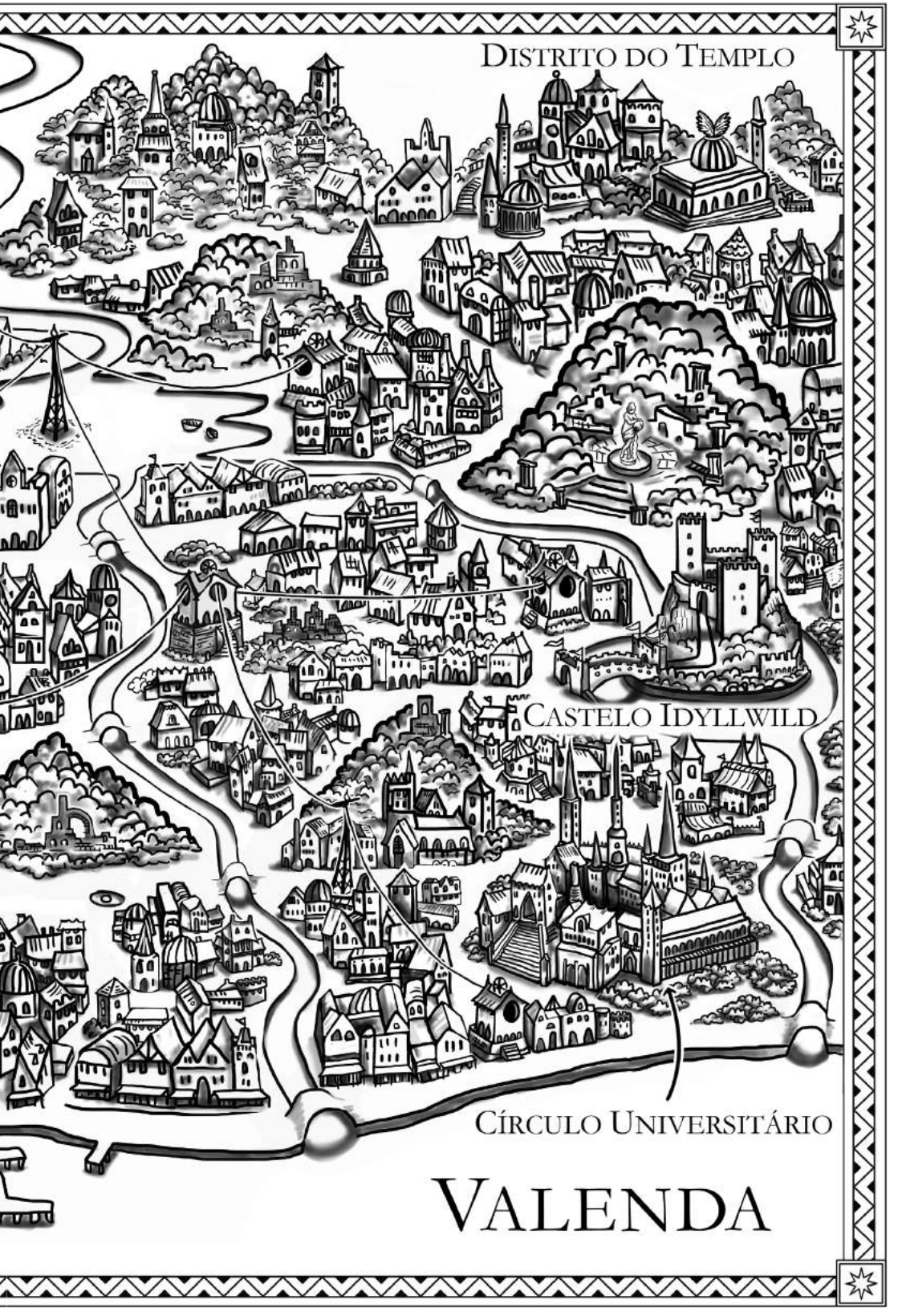
19-24788 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813
Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Novo Conceito
Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.editoranovoconceito.com.br

Para Matthew, pela pedra-sabão.
Para Allison, por me dizer que Dashiell era o nome errado.
E para vocês dois, por serem irmãos incríveis.

Bairro das Especiarias
Bairro do Cetim
Palácio de Elantine
As Docas
Rhys Davies


Distrito do Templo
Castelo Idyllwild
Círculo Universitário
Valenda

SETE ANOS ATRÁS...

Embora alguns dos aposentos da mansão tivessem monstros escondidos embaixo das camas, Tella jurava que a suíte da mãe escondia encantos. Nesgas de luz esmeralda salpicavam o ar, como se fadas saíssem para brincar sempre que a mãe se ausentava. O aposento tinha a fragrância de flores colhidas de jardins secretos, e, mesmo quando não havia uma brisa, as cortinas transparentes se inflavam e se moviam ao redor da magnífica cama com dossel. Mais acima, um candelabro de citrinos saudava Tella com os sons musicais de beijos em vidro, facilitando-lhe imaginar que a suíte era um portal mágico para outro mundo.

Os pezinhos de Tella não faziam nenhum som enquanto ela avançava na ponta dos pés pelos grossos carpetes cor de marfim até a cômoda da mãe. Rapidamente, ela deu uma olhada por cima dos ombros e em seguida pegou o porta-joias. Liso e pesado nas mãos de Tella, a caixa era feita de madrepérola e coberta com filigranas de ouro em forma de teias de aranha; Tella gostava de fingir que a caixa também era encantada, pois até mesmo quando estavam sujos seus dedos felizmente não deixavam nenhuma impressão digital na superfície.

A mãe de Tella não se importava que as filhas brincassem com seus vestidos ou experimentassem suas sandálias elegantes, mas tinha pedido que não tocassem nessa caixa — o que simplesmente a tornara mais irresistível para Tella.

Scarlett podia passar suas tardes sonhando acordada com espetáculos itinerantes como o Caraval, mas Tella gostava de ter aventuras *reais*.

Hoje ela fazia de conta que uma rainha maligna tinha tomado um jovem príncipe élfico como prisioneiro, e, para salvá-lo, Tella precisava roubar o anel de opala da mãe. A joia favorita de Tella. A pedra leitosa era áspera e irregular, com o formato de uma estrela ascendente e pontas afiadas que às vezes lhe espetavam os dedos. Entretanto, quando Tella erguia a opala para a luz, a pedra faiscava, cobrindo o quarto com brasas de vermelho-cereja e dourado luminescentes e lilás que aludiam a maldições mágicas e ao pó de fadas rebeldes.

Infelizmente, o anel de latão era grande demais para o dedo de Tella, embora toda vez que abria a caixa ela o colocasse no dedo, só para o caso de ele ter crescido mais um pouco. Neste dia, porém, bem no momento em que fez o anel deslizar pelo dedo, Tella percebeu outra coisa.

O candelabro acima dela ficou imóvel, como se também tivesse sido pego de surpresa.

Tella conhecia de cor cada item que havia no porta-joias da mãe: uma fita de veludo bordada em ouro cuidadosamente dobrada, brincos vermelho-sangue, um frasco de prata oxidada que a mãe alegava guardar lágrimas de anjos, um camafeu de marfim que não abria, uma pulseira negra que parecia combinar melhor com o braço de uma bruxa do que com o pulso elegante da mãe.

O único objeto que Tella nunca tocava era o sachê cinzento e de aparência suja, com cheiro de folhas emboloradas e a fragrância adocicada da morte. *Isso afasta os monstros*, brincou a mãe certa vez. Mas o sachê também afastava Tella.

Hoje, porém, aquela bolsinha feia reluziu, atraindo Tella em sua direção. Em um momento, parecia uma trouxa cheia de coisas deterioradas e cheirava a podridão. Um piscar de olhos depois, repousava em seu lugar um baralho cintilante, envolto por uma delicada fita de cetim. Em seguida, em um átimo, voltara a ser a bolsa repulsiva antes de se transfigurar nas cartas novamente.

Abandonando a missão de faz de conta, Tella pegou rapidamente o

cordão sedoso e tirou o baralho da caixa. E instantaneamente elas pararam de se transformar.

As cartas eram lindas, simplesmente belíssimas. Tinham um tom tão escuro de erva-moura que eram quase negras, com minúsculos detalhes dourados que cintilavam sob a luz e filamentos volteantes em alto-relevo de um vermelho-violeta escuro que fazia Tella pensar em flores úmidas, no sangue das bruxas e em magia.

Não eram nem um pouco parecidas com as cartas de baralho impressas em preto e branco com as quais os guardas de seu pai a ensinaram as regras dos jogos de apostas. Tella sentou-se no carpete. Os dedos ágeis formigavam quando desatou a fita e virou a primeira carta.

A jovem retratada na carta fez Tella se lembrar de uma princesa capturada. O belo vestido branco estava esfarrapado, e os olhos em forma de lágrimas eram tão lindos quanto o vidro polido pelas ondas do mar, mas tão tristes que até mesmo fitá-los era doloroso. Provavelmente porque a cabeça da jovem estava encerrada em um globo arredondado de pérolas.

As palavras *A Morte Donzela* estavam escritas no pé da carta.

Tella estremeceu. Ela não gostou daquele nome, e jaulas não lhe apeteciam, mesmo que fossem feitas de pérolas. Subitamente, teve a sensação de que sua mãe não iria querer pegá-la vendo essas cartas, mas isso não impediu Tella de virar outra.

O nome ao pé daquela carta era *O Príncipe de Copas*.

Ela mostrava um jovem com o rosto feito de ângulos e os lábios tão afiados quanto duas lâminas de faca. Uma das mãos perto do queixo pontiagudo segurava a empunhadura de uma adaga, e lágrimas rubras lhe caíam dos olhos, combinando com o sangue que manchava o canto da boca estreita.

Tella soltou um pequeno gemido conforme a imagem do príncipe tremeluziu, subitamente ali e em seguida não mais, da mesma maneira que acontecera com o sachê fedorento anteriormente.

Devia ter parado naquele momento. Aquelas cartas definitivamente não eram brinquedos. Mesmo assim, uma parte de Tella sentia que encontrá-las fazia parte do seu destino. Eram mais reais do que a rainha

maligna ou o príncipe élfico de sua imaginação, e Tella se atrevia a pensar que talvez elas a levassem a viver uma aventura genuína.

A carta seguinte parecia especialmente morna nos dedos de Tella quando ela a virou.

O Aráculo.

Ela não sabia o que aquele nome estranho significava, e, diferentemente das outras cartas, esta não parecia violenta. As bordas eram cobertas por espirais ornamentadas com ouro derretido, e o centro era prateado como um espelho... não, aquilo *era* um espelho. A porção central, brilhante, refletia os cachos loiros como mel de Tella e seus olhos arredondados, castanhos como amêndoas. Quando Tella olhou mais de perto, a imagem estava errada. Os lábios rosados de Tella tremiam, e lágrimas gordas lhe corriam pelas faces.

Tella nunca chorava. Nem mesmo quando o pai usava palavras ríspidas ou quando Felipe a ignorava em favor da irmã mais velha.

— Estava imaginando se a encontraria aqui, meu amorzinho. — O soprano suave da voz de sua mãe encheu o quarto quando ela entrou. — Qual é a aventura em que você se meteu hoje?

Conforme a mãe se curvava para o tapete onde Tella estava sentada, seus cabelos lhe caíram ao redor do rosto inteligente em cascatas elegantes. As madeixas da mãe eram do mesmo castanho-escuro que as de Scarlett, mas Tella tinha a pele morena da mãe, que reluzia como se tivesse sido beijada pelas estrelas. E bem naquele momento Tella viu a mãe ficar pálida como uma pedra da lua quando os olhos dela se fixaram nas imagens viradas da Morte Donzela e do Príncipe de Copas.

— Onde você achou isso? — A voz da mãe continuava doce, mas suas mãos pegaram rapidamente as cartas, dando a Tella a impressão de que fizera algo muito errado. E, embora Tella frequentemente fizesse coisas que não devia, geralmente a mãe não se importava. Ela corrigia gentilmente a filha, ou ocasionalmente lhe mostrava como sair impune após cometer seus pequenos crimes. Era o pai quem se irritava facilmente. A mãe era o sopro fresco que fazia arrefecer as faíscas do pai antes que elas pudessem ganhar força e se transformar em chamas. Mas

agora a mãe parecia querer acender uma fogueira e usar aquelas cartas como lenha.

— Eu as achei no seu porta-joias — disse Tella. — Desculpe. Eu não sabia que elas eram ruins.

— Está tudo bem. — A mãe passou a mão pelos cachos de Tella. — Não tive a intenção de assustá-la. Mas nem mesmo eu gosto de tocar nessas cartas.

— Então por que você as tem?

A mãe escondeu as cartas entre as saias do vestido antes de colocar a caixa numa prateleira alta ao lado da cama, longe do alcance de Tella.

Tella temeu que aquela conversa estivesse encerrada, como indubitavelmente aconteceria se estivesse falando com o pai. Mas a mãe não ignorava as perguntas das filhas. Quando a caixa estava guardada em segurança, a mãe se acomodou no carpete ao lado de Tella.

— Eu gostaria de nunca ter encontrado aquelas cartas — sussurrou ela. — Mas vou lhe contar, se você jurar nunca tocar naquele baralho, ou em nenhum outro baralho como aquele, outra vez.

— Achei que você tivesse dito a Scarlett e a mim para nunca jurar.

— Neste caso, é diferente. — Um canto do sorriso da mãe reapareceu, como se estivesse prestes a revelar a Tella um segredo muito especial. Era sempre assim: quando a mãe escolhia concentrar sua atenção luminosa apenas em Tella, ela fazia a filha sentir que era uma estrela e que o mundo girava somente ao seu redor. — O que foi que eu sempre lhe falei sobre o futuro?

— Que toda pessoa tem o poder de escrever o próprio futuro — recitou Tella.

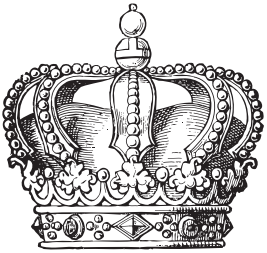
— É isso mesmo — disse a mãe. — O seu futuro pode ser da maneira que desejar. Todos nós temos o poder de escolher nosso próprio destino. Mas, minha doçura, se brincar com essas cartas, você dará aos Arcanos retratados nelas a oportunidade de mudar o seu caminho. As pessoas usam os Baralhos do Destino, similares àquele que você acabou de tocar, para prever o futuro. E, uma vez que um futuro seja previsto, esse futuro se torna uma coisa viva e vai lutar duramente para se transformar em reali-

dade. É por isso que eu preciso que você nunca mais toque nessas cartas outra vez. Você entendeu?

Tella assentiu, embora não houvesse entendido verdadeiramente; ainda estava naquela tenra idade na qual o futuro parece distante demais para ser real. Ela também não deixou de perceber o fato de que sua mãe nunca disse de onde as cartas vieram. E isso fez com que os dedos de Tella se fechassem com um pouco mais de força ao redor daquela que ainda tinha na mão.

Na pressa para recolher o baralho, a mãe de Tella não percebera a terceira carta que a menina havia virado. Aquela que ainda estava em seu poder. O Aráculo. Tella a escondera cuidadosamente sob as pernas cruzadas enquanto dizia:

— Eu juro nunca mais tocar num baralho como esse outra vez.



ISLA DE LOS SUEÑOS

1

Tella não estava mais flutuando.

Estava no chão úmido, sentindo-se muito, muito distante da coisa luminosa e cintilante onde estivera na noite passada. Na época em que a ilha particular de Lenda irradiara luzes de âmbar, que respirara com encantos e maravilhas, junto com um toque de mentiras. Uma combinação deliciosa. E Tella se refestelara naquilo. Durante a festa para celebrar o fim do Caraval, ela dançou até que suas sandálias estivessem manchadas pela grama e bebericou de taças cheias de vinho espumante até estar praticamente voando.

Entretanto, neste momento, estava deitada de bruços no chão duro e frio da floresta.

Sem se atrever a abrir os olhos, ela gemeu e arrancou fragmentos da natureza dos cabelos, desejando que alguns dos outros resquícios da noite passada pudessem ser descartados com a mesma facilidade. Tudo à sua volta cheirava a bebida azeda, folhas de pinheiro e erros. Sua pele coçava e formigava, e a única coisa pior do que a sensação de que a cabeça girava era a dor inclemente nas costas e no pescoço. Por que diabo ela pensara que dormir ao relento seria uma ideia brilhante?

— Argh — alguém soltou um grunhido não muito satisfeito de uma pessoa prestes a despertar.

Tella abriu os olhos, virou o rosto um pouco para o lado e em seguida fechou as pálpebras imediatamente. *Santos imundos*.

Não estava sozinha.

Por entre as árvores imensas e as folhagens indômitas que cobriam o chão da floresta, Tella abrira os olhos apenas pelo tempo suficiente para vislumbrar uma cabeça com cabelos escuros, a pele bronzeada, um pulso coberto de cicatrizes e a mão de um rapaz coberta com a tatuagem de uma rosa negra. *Dante*.

Uma explosão de memórias borradas encheu sua cabeça aos borbotões. A sensação das mãos experientes de Dante envolvendo seus quadris. Os beijos que ele dera em seu pescoço, em seu queixo, e em seguida em sua boca conforme os lábios de ambos se conheciam mais intimamente.

Que diabo ela tinha na cabeça?

Claro, Tella sabia exatamente quais eram os seus pensamentos durante a festa para os artistas do Caraval na noite anterior. O mundo tinha sabor de magia e do brilho das estrelas, de desejos concedidos e sonhos realizados. Mesmo assim, por baixo de tudo aquilo, a morte ainda embebia a língua de Tella. Não importa quanto champanhe bebesse ou quanto o ar se aquecesse de tanto dançar, Tella ainda estremecia com a lembrança gélida da sensação que tivera ao morrer.

Seu salto do terraço de Lenda não fora um ato de desespero; fora um salto de fé. Mas, pelo menos por uma noite, ela não queria pensar naquilo nem no motivo pelo qual seu ato importava. Queria celebrar seu sucesso, esquecer-se de todo o resto. E Dante parecera ser a melhor maneira de fazer as duas coisas. Era atraente, sabia ser encantador, e já fazia muito tempo desde que alguém a beijara do jeito certo. E, por todos os santos, Dante realmente sabia beijar.

Com outro grunhido, ele se espreguiçou ao lado dela. Sua mão grande pousou sobre a base da coluna de Tella, morna e firme, e muito mais tentadora do que devia ser.

Tella disse a si mesma que precisava escapar antes que ele despertasse. Mas, mesmo adormecido, Dante era bom demais com as mãos. Deslizou displicentemente os dedos por sobre a coluna de Tella até o pescoço,

enfiando-se preguiçosamente por entre os cabelos da garota, apenas o bastante para fazer as costas dela se arquearem.

Os dedos de Dante pararam de se mover.

Sua respiração ficou subitamente silenciosa de uma maneira que mostrava a Tella que ele agora também estava acordado.

Engolindo um xingamento, ela rapidamente se ergueu do chão, afastando-se daqueles dedos imóveis e habilidosos. Não se importava se ele a visse se esgueirando para longe; seria muito menos desconfortável do que trocar quaisquer comentários amistosos antes que um deles reunisse audácia suficiente para recitar uma justificativa sobre por que precisava sair correndo. Tella já havia beijado uma quantidade suficiente de rapazes para saber que qualquer coisa dita por um garoto logo antes ou diretamente depois de beijá-lo era algo no qual não se podia acreditar. E ela realmente precisava ir embora.

As memórias de Tella poderiam estar embaçadas, mesmo assim ela não conseguia se esquecer da carta que recebera antes que as coisas começassem a ficar interessantes com Dante. Um estranho, o rosto escondido sob o manto da noite, enfiou o bilhete em seu bolso e desapareceu antes que ela pudesse segui-lo. Queria reler a mensagem imediatamente, mas, considerando o que devia ao *amigo* que a enviara, não achou que aquilo seria uma atitude inteligente. Precisava retornar aos seus aposentos.

Terra úmida e espinhos afiados das árvores se enfiaram por entre seus pés conforme ela começava a escapulir. Devia ter perdido as sandálias em algum lugar, mas não queria desperdiçar tempo procurando por elas. A floresta estava tingida por uma luz indolente cor de mel e pontilhada por roncos pesados e murmúrios que faziam Tella pensar que ela e Dante não eram os únicos que haviam adormecido sob as estrelas. Não se importava se algum deles a visse fugindo do garoto bonito, mas não queria que ninguém contasse à irmã.

Dante agira de um modo mais do que simplesmente desagradável com Scarlett durante o Caraval. Ele trabalhava para Lenda, então tudo aquilo fazia parte de sua atuação — mas, embora o Caraval houvesse terminado, ainda era um pouco difícil separar os pedaços dos fatos da ficção. E ela

não queria que a irmã se magoasse ainda mais porque Tella havia decidido se divertir com um garoto que fora tão cruel com Scarlett durante o jogo.

Por sorte, o mundo continuou adormecido quando Tella alcançou os limites da floresta e, dali, a residência com torretas de Lenda.

Mesmo agora, com o Caraval oficialmente encerrado e todas as velas e lampiões que havia ali dentro apagados, a mansão ainda respirava com toques de uma luz de âmbar de brasas, lembrando Tella de truques ainda por fazer.

Até ontem esta propriedade abrigara o mundo inteiro do Caraval. Seus grandiosos pórticos de madeira levaram visitantes a camarotes elegantes drapeados com cortinas vermelhas luxuosas que cercavam uma cidade feita de canais, ruas que tinham vontade própria e lojas inusitadas cheias de prazeres mágicos. Mas, no breve intervalo de tempo desde que o jogo terminara, a casa com suas torretas diminuíra de tamanho e a efêmera terra de maravilhas escondida por trás de seus muros desaparecera, deixando para trás somente as partes que normalmente seriam encontradas no interior de uma propriedade abastada.

Tella subiu aos trotes pela escadaria mais próxima. Seu quarto ficava no segundo andar. Com a porta redonda pintada no tom azul-claro dos ovos de pintarroxo, era fácil de encontrar. E também era impossível não perceber Scarlett e Julian, ao lado da porta, atracados em um abraço como se tivessem se esquecido de como se dizia a palavra *adeus*.

Tella ficou feliz que a irmã finalmente se deixasse perder em meio a um pouco de felicidade. Scarlett merecia cada alegria que havia no Império, e Tella esperava que aquilo durasse. Ouvira dizer que Julian não tinha a reputação de dar falsas esperanças a garotas, que não continuava com seus relacionamentos após o Caraval e que não estava previsto no roteiro que ele continuaria a acompanhar Scarlett depois que a trouxesse à ilha de Lenda. Mas ele ganhava a vida mentindo, o que tornava difícil para Tella confiar nele. Mesmo assim, conforme o casal continuava ali, um com os braços ao redor do outro e as cabeças encostadas, os dois se pareciam com as duas metades do mesmo coração.

Seus olhares permaneciam fixos enquanto Tella se esgueirava ao redor deles para chegar ao quarto.

— Isso é um sim? — murmurou Julian.

— Preciso conversar com a minha irmã — disse Scarlett.

Tella parou diante da porta. Jurava que a carta em seu bolso tinha ficado subitamente mais pesada, como se estivesse impaciente para ser lida outra vez. Mas, se Julian tivesse acabado de perguntar a Scarlett o que Tella esperava acontecer, então Tella precisava fazer parte dessa conversa.

— Sobre o que você quer conversar comigo?

Scarlett se afastou de Julian, mas as mãos dele continuaram ao redor de sua cintura, entrelaçando-se por entre as fitas avermelhadas do vestido, mostrando claramente que não estavam preparadas para deixar que ela se fosse.

— Eu perguntei à sua irmã se vocês duas irão conosco a Valenda para o septuagésimo quinto aniversário da Imperatriz Elantine. Haverá outro Caraval, e eu tenho dois ingressos. — Julian piscou um olho.

Tella abriu um sorriso para a irmã. Isso era exatamente o que ela estava esperando, embora uma parte de Tella ainda não conseguisse acreditar que os rumores que ouvira nos últimos dias fossem verdadeiros. O Caraval ocorria somente uma vez por ano, e ela nunca ouvira falar de dois jogos sendo feitos em datas tão próximas. Mas Tella supunha que até mesmo Lenda abria exceções para a imperatriz.

Tella continuou a olhar para a irmã, cheia de esperança.

— Estou surpresa por você ter que perguntar!

— Eu achava que você não gostasse do Dia de Elantine porque ele sempre encobria o seu aniversário.

Tella balançou lentamente a cabeça enquanto ponderava a resposta. As verdadeiras razões para querer ir tinham pouco a ver com o Dia de Elantine, embora sua irmã estivesse correta. Desde que Elantine se tornara a imperatriz do Império Meridiano, seu aniversário era um feriado: o Dia de Elantine, precedido por uma semana inteira de festas e bailes, regras burladas e leis quebradas. Na ilha natal das garotas, Trisda, o feriado era celebrado somente por um dia, o trigésimo sexto da Estação Germinal,

mas ainda assim acabava encobrindo o aniversário de Tella, que tinha o infortúnio de ocorrer no dia seguinte.

— Vai valer a pena visitar Valenda — disse Tella. — Quando partimos?

— Em três dias — respondeu Julian.

Scarlett apertou os lábios.

— Tella, precisamos discutir isso antes.

— Achei que você sempre quisesse ir à capital para ver todas aquelas ruínas antigas e as carruagens que flutuam pelo céu, e essa vai ser a festa do século! O que há para discutir?

— O conde.

A pele morena de Julian ficou cinzenta.

O mesmo devia estar ocorrendo com o rosto de Tella.

— O conde vive em Valenda, e não podemos deixar que ele a veja — disse Scarlett.

Scarlett era uma irmã excessivamente cautelosa, mas Tella não podia culpá-la por essa hesitação.

O Conde Nicolas d'Arcy era o ex-noivo de Scarlett, com quem o pai de Scarlett fizera arranjos para que ela se casasse. Antes do Caraval, Scarlett somente lhe escrevera cartas, mas acreditara que estivesse apaixonada por ele. Pensara também que o conde manteria tanto ela quanto Tella a salvo — até que Scarlett o conheceu durante o Caraval e descobriu que ele era uma espécie detestável de ser humano.

Scarlett tinha razão em se preocupar com o conde. Se o ex-noivo de Scarlett descobrisse que Tella estava viva, poderia mandar uma mensagem ao pai das duas — que acreditava que Tella estava morta — e acabaria destruindo tudo.

Mas as coisas também desmoronariam sobre o próprio peso se Tella não fosse com Lenda e seus atores até a capital do império, Valenda. Talvez não tivesse a oportunidade de reler a carta do amigo, mas sabia o que ele queria, e nunca iria conseguir aquilo para ele se fosse separada de Lenda e de seus atores.

Durante o Caraval, Tella não tinha certeza absoluta sobre quem trabalhava para Lenda. Mas todos os seus atores estariam no navio para Valenda;

o próprio Lenda poderia também estar no barco, dando-lhe a oportunidade de que precisava de finalmente conseguir aquilo que seu amigo exigia.

— O conde é tão preocupado consigo mesmo que provavelmente não me reconheceria mesmo se eu me aproximasse dele para lhe dar um tapa no rosto — disse Tella. — Só nos encontramos por um momento, e eu não estava com a melhor das aparências.

— Tella...

— Eu sei, eu sei, você quer que eu aja com seriedade — interrompeu Tella. — Não estou tentando zombar de você. Tenho plena noção do perigo, mas não acho que precisamos sentir medo. Podemos perecer com a mesma facilidade num naufrágio, mas, se deixarmos esse medo nos deter, nunca vamos sair desta ilha outra vez.

Scarlett fez uma careta e olhou para Julian.

— Você pode dar licença a mim e à minha irmã por um momento?

Julian respondeu algo perto da orelha de Scarlett, baixo demais para que Tella conseguisse escutar. O que quer que tenha dito, fez Scarlett corar. Em seguida ele saiu, e a boca de Scarlett se apertou em uma linha enquanto acompanhava Tella para dentro do seu quarto.

Lá dentro, coisas inenarráveis estavam jogadas por toda parte. Meias espiavam pelas gavetas de uma cômoda encimada por toucas e chapéus, enquanto uma variedade de capas, vestidos e anáguas formava um caminho até a cama, coberta por uma pilha enorme de casacos de pele que ela havia ganhado em um jogo de cartas.

Tella sabia que Scarlett a achava desleixada. Mas Tella tinha uma teoria: quartos organizados eram fáceis de ser revirados e revistados de maneira despercebida porque era simples recolocar coisas cuidadosamente organizadas nos lugares onde estavam antes. Os ambientes bagunçados, por sua vez, eram difíceis de recriar. Com uma olhada geral, Tella podia ver que ninguém havia sido suficientemente audacioso para colocar um dedo em seu desastre pessoal. Tudo parecia estar intocado, mesmo que agora houvesse uma cama adicional, que Tella imaginou que devia ter aparecido magicamente ou, mais provavelmente, que fora trazida até ali para a irmã.

Tella não sabia por quanto tempo eles poderiam permanecer na ilha. Estava aliviada por não estarem sendo tocados dali imediatamente, embora, se fossem expulsos, talvez Scarlett ficasse mais ansiosa com a possibilidade de ir a Valenda. Tella não queria que a irmã fosse forçada a nada; esperava que Scarlett fizesse a escolha por conta própria. Mesmo assim, Tella conseguia compreender a relutância da irmã. Tella morrera durante o último jogo. Mas aquilo tinha sido sua decisão e acontecera por um bom motivo, e ela não planejava morrer outra vez. A experiência tinha sido horrenda tanto para Tella quanto para Scarlett. E ainda havia muitas coisas que Tella queria — *e precisava* — fazer.

— Scar, sei que você imagina que eu não estava falando sério lá fora, mas acho que precisamos começar a ser felizes em vez de sérias. Não estou dizendo que precisamos participar do Caraval, mas acho que devemos pelo menos ir a Valenda com Julian e os outros. O que importará essa felicidade gloriosa se não a aproveitarmos? O pai é quem vai vencer se continuarmos vivendo como se estivéssemos presas sob aqueles punhos pesados.

— Você tem razão.

Tella achou que tivesse ouvido alguma coisa errada.

— Você disse que estou certa?

Scarlett fez que sim com a cabeça.

— Estou farta de sentir medo o tempo todo. — Ela ainda falava como se o nervosismo a afetasse, mas seu queixo agora se erguia com algo parecido com determinação. — Prefiro não jogar outra vez, mas quero ir a Valenda com Julian. Não quero me aprisionar aqui como o pai nos aprisionava em Trisda.

Tella sentiu uma onda de orgulho. Quando estavam em Trisda, Scarlett se apegara ao medo, como se isso a mantivesse segura, mas Tella percebia que a irmã agora lutava para se livrar dele. Ela realmente havia mudado durante o Caraval.

— Você estava certa na noite passada quando me encorajou a dar a Julian outra chance. Fico feliz por ter ido à festa e sei que vou me arrepender se não partirmos com ele. Mesmo assim... — acrescentou Scarlett.

— Se formos a Valenda, você tem que me prometer que vai tomar cuidado. Não posso perdê-la de novo.

— Não se preocupe. Juro que vou tomar cuidado. — Tella tomou solenemente as mãos da irmã nas suas e as apertou. — Gosto demais da minha liberdade para perdê-la. E, enquanto estivermos na capital, vou sempre usar vestidos de cores incrivelmente berrantes, de modo que seja impossível você me perder de vista.

A boca de Scarlett começou a se inclinar para formar um sorriso. Tella viu a irmã se esforçando para contê-lo, mas o sorriso logo se transformou numa risada melodiosa. A felicidade deixava Scarlett ainda mais bonita.

Tella riu com a irmã até que os dois sorrisos se igualassem, como se preocupações fossem coisas destinadas a outras pessoas. Mesmo assim, Tella não conseguia se esquecer da carta em seu bolso, lembrando-a de uma dívida a ser paga e de uma mãe que ainda precisava ser salva.